

GUERRA DO PARAGUAI EM PERSPECTIVA: TENSÕES HISTÓRICAS E HISTORIOGRÁFICAS

Giane Ap. Barroso.

As verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são; metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível [...]

Nietzsche

A complexidade de tensões intrapaíses e entropaíses levou a uma avalanche de movimentos envolvendo forças políticas e bélicas da região platina que resultou na deflagração de um conflito entre, de um lado, a Tríplice Aliança formada pelo Império do Brasil, a República do Uruguai e a República da Argentina, e do outro, a República do Paraguai. Esse episódio é conhecido como “Guerra do Paraguai” ou “Guerra da Tríplice Aliança” (1864 – 1870), considerado o maior conflito no aspecto bélico e de perda humana da América Latina.

Desde a época colonial a região platina era palco de conflitos entre as metrópoles: Portugal e Espanha, pois *a área platina se constituiu como fronteira viva, aliás, única, entre a América Portuguesa e as Índias de Castela.*¹ Posteriormente, no processo de formação dos Estados Nacionais outros conflitos permearam a região pela disputa da sua hegemonia. Nesse período, destaca-se o fato em questão: a Guerra do Paraguai.

Múltiplas são as construções historiográficas sobre essa guerra e freqüentemente são distribuídas em três correntes interpretativas distintas: a *tradicional* ou *oficial*, a *revisionista* e a *recente*². Todas elas tratam das tensas relações entre os países envolvidos, porém, uma atribui peso maior na participação de determinado país, outra busca contradizer e apresenta outro país como responsável... Enfim, a historiografia da Guerra da Tríplice Aliança é plural nas suas interpretações.

A primeira — historiografia “tradicional” — que surgiu ainda no século XIX foi escrita a partir da ótica dos vencedores, ou seja, do Império Brasileiro, mais especificamente, do Exército. Essa corrente tem como característica a narrativa factual, enfocando principalmente as ações militares, diante da necessidade deste grupo impôr-se como

“defensores” do território nacional. Como afirma, o militar Tasso Fragoso, em sua obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai* (1934)

[...] a ambição incoercível e o orgulho desmesurado de Francisco Solano López, ditador da República do Paraguai, obrigaram o povo brasileiro a cruzar armado com os seus dignos irmãos paraguaios, cruentando sem necessidade uma extensão considerável da América do Sul. Contra as hostes com que esse bárbaro invadiu o solo da Argentina e do Brasil, desrespeitando a soberania destes países, saqueando-os e depredando-os, vão levantar-se em massa brasileiros, argentinos e orientais em justo movimento de legítima defesa. O Brasil lutará contra os seus bravos vizinhos do Paraguai numa guerra que não desejou, que não provocou e que ainda hoje lamenta, mas que não pôde evitar por lhe ter sido imposta por um adversário que o veio acometer dentro do âmbito de suas próprias fronteiras.³

Nessa citação, há três sentimentos que aparecem nas justificativas da corrente oficial. *Ambição* e *orgulho* são atribuídos a imagem construída do ditador paraguaio Solano López; são reconhecidos como a principal força que veio desencadear o conflito com os países aliados. Tais sentimentos — a ambição e o orgulho — de López representam as intenções megalomaniacas do ditador *que já se tinha preparado cautelosa e secretamente para nos fazer a guerra.*⁴ O terceiro sentimento é o de *defesa*, por parte dos brasileiros, argentinos e uruguaios. Necessariamente o sentimento de defesa surge quando há uma ameaça, e nesse caso, as ameaças são os sentimentos “percebidos” de um único homem, Solano López. Há, portanto, um único culpado, responsabilizado pelas

*inúmeras vítimas dos quatro países — Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai — que dormem o derradeiro sono, a maior parte em terra estrangeira, sacrificadas à ambição e à vaidade de um homem sem coração.*⁵

O povo paraguaio, na visão tradicionalista, é considerado vítima do atroz Solano López. O cônsul inglês Sir Richard F. Burton, em *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* (1870), entendendo que a imparcialidade é possível, afirma que

*vista imparcialmente, a Guerra do Paraguai não é outra coisa senão a condenação de uma raça [paraguaia] que procura livrar-se de uma tirania, por ela mesma escolhida, tornando-se chair à canon mediante um processo de aniquilamento.*⁶

Outra característica das obras tradicionais sobre a guerra é o grande acúmulo de detalhes, principalmente militares. Sobre isso, recorro-me às palavras de Carlos Ginzburg: *a disposição dos detalhes visa produzir em nós uma impressão de vida, como nas cenas de batalha*. O historiador italiano ainda descreve um encadeamento que produz efeito de verdade: *narração histórica – descrição – impressão de vida – verdade*. Entretanto, ele alerta que esta seqüência é uma *concepção clássica* de história, diferente da *concepção moderna* que adotou as aspas para produzir o mesmo efeito.⁷ E para assegurar a “verdade” também no molde moderno, o general, em meio aos detalhes, carrega sua narrativa com as aspas, quer dizer, com transcrições de fontes que, segundo ele, são *documentos dignos de fé*.⁸

Com severas críticas à historiografia oficial, surgem os revisionistas com uma nova perspectiva de análise a partir da questão econômica inserindo o fato no contexto imperialista do século XIX, *num momento em que o capitalismo se afirma na Grã-Bretanha*.⁹

O historiador argentino León Pomer, no famoso livro *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense* (1968), ressalta o *interesse britânico pelo livre comércio*¹⁰, porém, acrescenta *uma informação adicional: a guerra foi financiada pela Inglaterra, mas não foi causada por ela e nem, provavelmente, incentivada ou desejada*.¹¹ Mesmo mostrando o cuidado de não apontar o Império Britânico como o causador da guerra, Pomer diz que

*A Grã-Bretanha nem sempre abriu mercados a tiros de canhão; soube combinar habilmente carícias com agressões. [...] A “inculta crueldade do ‘laissez-faire’” foi colocada em prática com muita eficiência.*¹²

E nesse contexto,

*um Paraguai fechado constituía uma afronta aos empresários e comerciantes, e um desafio aos princípios do liberalismo econômico, os únicos condizentes com o espírito civilizado e a cultura mais avançada da época.*¹³

O revisionista brasileiro, jornalista, Julio José Chiavenatto, é mais taxativo em sua polêmica obra *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai* (1979), no que diz respeito à participação britânica e formação da Tríplice Aliança *como testa-de-ferro do capital inglês*.¹⁴ Esse autor reconhece que há questões de limites entre os países envolvidos, mas afirma que *a Guerra do Paraguai foi causada, em conteúdo, por motivos econômicos*.¹⁵ Segundo ele, *nos livros brasileiros [...] é raro encontrar-se uma leve alusão às causas econômicas ou à participação do capital inglês*.¹⁶

Apesar de ser a mais enfocada, as causas econômicas não foi o único diferencial do revisionismo. Além disso, a imagem do Paraguai e, conseqüentemente, do ditador Solano López foram contraditas e invertidas.

Para Pomer, com o governo do *López filho [...], o país avança e se coloca à frente das nações desta parte do mundo*.¹⁷ Chiavenatto acrescenta que

*Paradoxalmente, todo este progresso é a sua sentença de morte. Mas, para morrer, o Paraguai vai dar ao mundo o mais heróico exemplo americano de resistência nacional.*¹⁸

Essa *resistência* atribuída ao Paraguai, no entendimento de Pomer, é resultado de *governos ciumentos de sua soberania e dignidade nacional*.¹⁹ E, segundo Chiavenatto, com a guerra,

*nasce o maior líder de povos da América: Francisco Solano López, herói da resistência popular ante o avanço do imperialismo colonizador.*²⁰

Ao tratar da morte de Solano López, o jornalista continua a construir uma imagem heróica do ditador. Para isso, dedica o penúltimo capítulo de seu livro dando-lhe um nome

bastante sugestivo: *¡Muero com mi Patria! A Morte do Paraguai*. Com um estilo poético, o revisionista insinua um ato de coragem do presidente paraguaio:

*No dia 1º de março de 1870, [...] alguns soldados brasileiros cercaram Francisco Solano López e o intimaram a render-se [...]. Negando-se, avançou a cavalo contra os soldados e exclamou: “¡Muero com mi Pátria!”.²¹
[...] O general [brasileiro] manda desarmá-lo e ele resiste fracamente: está quase sem sentidos, não enxerga mais, brande a espada frouxamente. [...] O marechal ainda tenta resistir com suas últimas forças. É quando um tiro pelas costas o mata.²²*

A corrente tradicional não interpreta a fala de Solano López da mesma forma, digna de ser lembrada como um símbolo de coragem, ao contrário. O general Fragoso concorda com o argumento *irretorquível*, segundo ele, do coronel brasileiro Silva Tavares:

[...] Intimado López para render-se ao comandante da força, respondeu já com dificuldade: ‘Morro por minha pátria com a espada na mão’, deixando-a cair para o lado do general brasileiro. Nessa ocasião, tendo-se-lhe puxado pelo punho para ser desarmado, recebeu sobre a região dorsal um ferimento de bala.²³

Nas reflexões finais de sua obra, Tasso Fragoso depois de argumentar sobre a participação do Brasil no conflito e de lamentar que Solano López não tivesse saído com vida, faz a seguinte análise:

Embora vendo que a volta da paz ao seio do povo paraguaio só dependia d’ele, não hesitou em colocar a vaidade pessoal acima do interesse colectivo. Preferia que a ‘sua Pátria moresse com êle’ a sacrificar-se apenas por ela, isto é, ‘morrer’ pela Pátria.²⁴

Chiavenatto distancia-se dessa interpretação criticando-a, salientando a existência de

distorções e mentiras, ou dando importância superior a fatos isolados [...]²⁵ com detalhes onde o patriotismo e a bravura dos nossos soldados encobrem a vilania dos motivos que levaram a Inglaterra a armar brasileiros e argentinos para a destruição da mais gloriosa República que já se viu na América Latina. Uma República, a do Paraguai, que se não fosse destruída, assassinada

*junto com seu povo, modificaria por completo a própria história dos americanos que teriam, muito provavelmente, todos os elementos para se libertarem do jugo de tiranos mistificados de civilizadores [...].*²⁶

Já na tradução da obra do capitão Sir Richard Burton, que foi reeditada em 1997, 127 anos depois da primeira edição, mais especificamente na sua apresentação, algumas palavras do coronel L. P. Macedo Carvalho responde ao revisionismo:

*Embora tardia, a tradução de Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai vem preencher lacunas nos anais da memória nacional. Em se deflagrando o processo revisionista do revisionismo maniqueísta da História do Brasil, efetuado nos idos dos anos 60, chega em boa hora às mãos daqueles preocupados com a busca da verdade histórica. Merece ser lido com atenção por todos os interessados em conhecer esse capítulo épico da História do Brasil que se confunde, mais uma vez, com um dos principais da nossa História Militar.*²⁷

No momento em que o general Macedo fez tal apresentação, uma terceira interpretação historiográfica vinha se configurando com acentuadas críticas à historiografia tradicional e a revisionista.

O historiador Ricardo Salles, autor de *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército* (1990), obra em que faz considerações sobre as construções tradicionalistas, afirma que *pecam por um excessivo oficialismo e factualismo.*²⁸ E mais cético ainda para com o revisionismo, diz que

*a versão revisionista das origens da guerra tem seu ponto fraco talvez exatamente naquilo que caracterizou sua novidade: a inserção do conflito no contexto mais geral de expansão do capitalismo. A supervalorização da ação direta da Inglaterra e a subestimação das motivações particulares das nações envolvidas (à exceção do Paraguai) acabaram por obscurecer a eventual originalidade da abordagem.*²⁹

É justamente com a perspectiva oposta à *subestimação das motivações particulares das nações envolvidas*³⁰ que a recente corrente propõe analisar o conflito.

Sobre as duas questões mais intrigantes do revisionismo — a participação britânica e o peculiar desenvolvimento do Paraguai —, Salles argumenta:

*considerar o Paraguai como objetivo último da política britânica e dar a este país um peso que ele não tinha na região, seja em termos de mercado consumidor, seja em termos de fornecedor de matérias-primas, é algo diverso.*³¹

Acrescenta dizendo que *a total submissão do Paraguai e uma presença brasileira vitoriosa e militarmente forte no Prata, entretanto, não corresponderiam aos anseios britânicos.*³²

Outra obra da historiografia recente sobre a Guerra do Paraguai é *Maldita Guerra* (2002), do historiador Francisco Doratioto também questiona as perspectivas utilizadas nas interpretações anteriores e compreende o conflito por seus fatores históricos regionais. Sua crítica em relação às essas construções é evidenciada nos seguintes dizeres:

*tanto a historiografia conservadora como a revisionista simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico.*³³

E mais, ele acusa a corrente tradicional e a revisionista de substituírem a *metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil [...].*³⁴

Ao buscar distanciar-se disso, Doratioto apresenta seu trabalho como *uma análise mais objetiva da Guerra do Paraguai, para além de simplificações ou deturpações,*³⁵ apoiando-se em uma vasta documentação para *dar às vozes do passado [...] o espaço para serem ouvidas com respeito [...].*³⁶ As fontes são trabalhadas por ele para “comprovar” todas as idéias desenvolvidas em seu estudo, fazendo inúmeras citações e convidando constantemente o leitor a conferir suas fontes.

Não parece, portanto, diferente da pretensão à verdade dos tradicionais e dos revisionistas, este último que, no caso do Chiavenatto, diferencia-se da extremada necessidade de dar veracidade utilizando as aspas. Ele tece sua narrativa buscando produzir um efeito de verdade muito mais com uma “*expressão persuasiva*”, *vale dizer emocional, de modo a fazer com que a linguagem penetre as almas.*³⁷ O jornalista diz que

os fatos são narrados com imparcialidade,³⁸ propondo em sua obra que uma *carga de verdade que seja irresponsável, indesmentível e fartamente documentada*..³⁹ Igualmente, ao apresentar um ensaio introdutório em sua obra, constituída basicamente de cartas, Burton usa o temo imparcialidade, como já chamei atenção.

Contudo, independente do itinerário percorrido, a pretensão das interpretações tradicionais, revisionistas e recentes é de afirmar-se como “verdade”.

Portanto, depois do rápido diagnóstico apresentado até aqui, concluo que a Guerra do Paraguai certamente foi resultado de um desencadeamento de tensões entendidas de diferentes maneiras por cada autor. Esse episódio é (re)criado a cada narração e junto dele, outras tensões emergem e, nesse caso, trata-se dos distanciamentos de interpretações que fazem com que esse assunto se torne tão intrigante e polêmico.

Para finalizar, busco as palavras de Salles ao reconhecer que *a crítica dessas versões é bem mais fácil que apresentar uma versão alternativa*.⁴⁰

¹ Costa, Wilma P. *A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: HUCITEC/ Ed. da UNICAMP, 1996. p. 75.

² A última corrente não tem uma denominação precisa e para designá-la nesse ensaio usarei o termo *recente*.

³ Tasso Fragoso. *A história da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 5 volumes. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1956. p. 264, vol. I. (meus grifos)

⁴ Idem, p. 218.

⁵ Idem, vol. V, p. 197.

⁶ Burton, Richard Francis. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Tradução de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997. p. 23. (grifos do autor).

⁷ Carlo Ginzburg, op. cit., p. 93.

⁸ Fragoso, op. cit., vol. I, p. 7.

⁹ Pomer, Leon. *A guerra do Paraguai, a grande tragédia rioplatense*. São Paulo: Global, 1980. p. 21.

¹⁰ Idem, p. 51.

¹¹ Idem, p. 23.

¹² Idem, p. 17.

¹³ Idem, p. 23.

¹⁴ Júlio José Chiavenatto. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, Prefácio. p. 12.

¹⁵ Idem, p. 11.

¹⁶ Idem, p. 9.

¹⁷ Pomer, op. cit., p. 54.

¹⁸ Chiavenatto, op. cit., p. 45.

¹⁹ Pomer, op. cit., p. 74.

²⁰ Chiavenatto, op. cit., p. 58.

²¹ Chiavenatto, op.cit., p. 161.

²² Chiavenatto, op. cit., p. 161.

²³ Fragoso, op.cit., p. 161.

²⁴ Idem, p. 187.

²⁵ Idem, p. 9.

²⁶ Idem, p. 10.

²⁷ Richard F. Burton, op. cit., p. 11.

²⁸ Ricardo Salles, op. cit., p. 15.

²⁹ Idem, pp. 36-37.

³⁰ Idem, p. 37.

³¹ Idem, p. 36.

³² Idem.

³³ Doratioto, op. cit., p. 20.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem, pp. 21-22.

³⁶ Idem, p. 20 – 21. (meus grifos)

³⁷ Bresciani, Maria Stella Martins, op.cit., p. 358. A autora cita o ensinamento de Germaine de Stäel quando, usando suas palavras, *falava da insuficiência dos argumentos racionais para a formação de convicções duradoras (...)*.

³⁸ Chiavenatto, op. cit., p. 14.

³⁹ Idem, p. 10.

⁴⁰ Idem, p. 37.